

A semente que não sabia o seu nome

A sua expedição decorria convenientemente, viajava há já uns meses. Arrastada pelos distintos e irregulares ventos europeus, acompanhados de uma forte chuva indesejada, seguia o seu percurso, alcançando a fronteira espanhola junto ao Alto Alentejo português. Ao longo deste percurso, que a guiara até ao velho país mediterrânico, cruzara-se com diversos povos e culturas, de países dissemelhantes, que aparentavam coexistir em harmonia nos seus territórios delimitados.

Viviam-se os princípios de 1974, março ou abril, era difícil depreender convictamente, e os ares europeus espalhavam a boa-fé das democracias, umas antigas, outras recentemente instauradas. Esta realidade parecia converter-se num caminho esperançoso e pacífico para a Europa, porém, nem todas as nações absorviam este espírito otimista. Ao chegar ao segundo país da tenebrosa Península Ibérica, a viajante viu-se confrontada, novamente, com uma situação peculiar: tal como em Espanha, o território português encontrava-se coberto por uma nuvem negra, feiíssima, como há muito não se via, que se alimentava da infelicidade e melancolia constante da população. Tudo era preto. Nas folhas das árvores não esbarravam os raios de um Sol livre. Na verdade, nem folhas existiam; o canto dos rouxinóis era inaudível, assim como todos os outros sons agradáveis e prazerosos; e as crianças, hirtas, abandonavam a escola numa fila única e uniforme, como se de produtos de uma linha de montagem se tratassem.

Perante este cenário aterrorizante, a sementinha deambulou, de maneira a encontrar alguém com quem pudesse falar, para que assim ficasse elucidada a respeito da realidade expressa ao seu redor, até que um olhar vago, fosco e apático se cruzou com o seu, repentinamente, de tal forma que o susto sentido pela viajante foi deveras inevitável. Diante de si encontrava-se um camponês alentejano, que carregava uma enxada ao ombro. Aparentava ser jovem, contudo, a sua face enrugada, coberta de suor e sujidade, condenava-o a um aspeto mais envelhecido, fruto do trabalho intensivo que, em tão pouco tempo de vida, já havia realizado. Ao tentar recuperar do sobressalto, saltou-lhe à vista uma linha prateada, composta por vários dentes metálicos que se encaixavam impecavelmente, situada no local da sua boca. O homem permanecia estático e em silêncio, o que levou a semente a ponderar a razão deste seu comportamento: talvez estivesse demasiado cansado para falar, talvez não quisesse, ou talvez não lhe fosse permitido. Sendo assim, começou a aperceber-se de que provavelmente não encontraria alguém com quem pudesse conversar, uma

vez que o homem continuava parado. Parecia que este estava à espera de algo que só a semente lhe podia proporcionar. Confrontada com esta estranha situação, e muito confusa, indagou:

- Onde estou?

O português, evidenciando enorme cansaço, levantou o braço e apontou para uma placa distante onde era possível ler: “Castelo de Vide”. A semente apercebeu-se, posteriormente, de que se tratava de uma pequena vila alentejana que, apesar de estar coberta de tristeza, possuía uma beleza ímpar e histórica. Todavia, estava longe de conseguir entender a realidade negra que pairava sobre este país. Completamente exausta, visto que ainda não parara, procurou um local tranquilo onde pudesse repousar. Assim sendo, arrastou-se até alcançar as muralhas de um grandioso castelo, nas quais se apoiou e descansou. Após um par de horas, avistou ao longe um vulto distorcido que se aproximava e, progressivamente, vinha a adquirir forma humana. Trava-se de uma pobre jovem camponesa que regressava a casa, findado o seu dia de trabalho exaustivo. Caminhava, lentamente, na direção das muralhas, indo de encontro à semente. Já suficientemente próxima para ser possível observá-la com clareza, parou e agachou-se à frente da mesma. A semente apercebeu-se de imediato de que, contrariamente ao camponês, a rapariga não possuía uma linha metálica que restringisse a sua fala.

- Pareces cansada. - disse a jovem.

Ainda meio adormecida, a semente retorquiu:

- Estou a viajar há muito tempo e ainda não tinha tido oportunidade de repousar.

A jovem encarou-a com um olhar simpático, mas não lhe ofereceu resposta, ao passo que a semente, desejosa de saber, questionou:

- Perdoa-me a curiosidade, mas porque é que não tens um fecho na boca?

- Porque sou uma jovem mulher, e nada do que possa dizer é importante, ou tido como uma ameaça. - respondeu-lhe a camponesa com uma estranha naturalidade.

A conversa entre ambas prolongou-se durante algum tempo:

- O meu pai já morreu, e o meu irmão foi levado há dez anos, de barco, para um outro Continente para combater, e até agora não regressou. Recebi um único postal, na época do Natal. - partilhou a jovem com tristeza, contudo, uma tristeza distante, como se fosse árduo lembrar-se destas duas pessoas que outrora lhe foram tão próximas.

A semente, confusa e amedrontada, debatia-se com um conjunto de questões:

- Porquê? Porque é que foi levado? Porque é que não regressou? Quem é que o levou?

- Aprendi que não devemos perguntar o “porquê”. Também não devemos perguntar “quem”, nem questionar o poder desse “quem”. - respondeu a jovem melancolicamente.

- Este país é muito diferente dos outros que visitei. - afirmou soturnamente a sementinha.

- Nunca daqui saí, não sei como é o Mundo para lá desta vila. Não sei ler. Não sei sonhar. A tristeza da jovem era notória, claramente não conhecia outra realidade, e tudo indicava que nunca teria essa oportunidade. Contudo, demonstrava-se muito interessada no percurso da semente:

- Porque é que estás a viajar?

Tal como ansiara, finalmente, alguém se mostrou interessado na sua jornada.

- Ando à procura de um sítio para me fixar permanentemente, um local onde possa crescer e florir, libertando-me assim desta pesada casca que se transformou num grande fardo para mim.

A jovem sorriu, docilmente, pois o desejo da semente era, sem dúvida, muito belo. Todavia, a sua expressão rapidamente se alterou quando a realidade invadiu o seu pensamento:

- Lamento que não o possas fazer aqui. - afirmou.

- Porque não? - questionou a semente.

- Porque te transformarias numa flor e serias uma ameaça para muitos. Aqui, não tens espaço para florir, muito menos para seres apreciada.

Após esta breve conversa, separaram-se, e cada uma seguiu um rumo diferente.

A semente resolveu seguir o caminho que a levava à capital do país. Parou em Santarém, e dormiu junto a uma oliveira. No entanto, o seu sono foi interrompido pela presença de estranhas movimentações na estrada. Curiosa, seguiu o som que a despertou, apesar de reinar nas redondezas o silêncio, e rapidamente avistou um conjunto de carros invulgares. Começou a aproximar-se, progressivamente, até alcançar um dos veículos blindados, e entrou. Assim, acompanhada, a pequena viajante seguiu o trajeto em silêncio, que a levava ao coração do país - Lisboa. Passados uns minutos, apercebeu-se de que a coluna militar parara, e que de dentro destes saíram vários homens vestidos com um uniforme igual. Dialogavam e pareciam analisar um conjunto de estratégias para colocarem em prática dentro de

momentos. A semente, que escutava com atenção, começou a ficar cada vez mais cativada pelo que era dito, e pela emoção patente na voz dos que falavam. Eram discutidos “cenários” que aparentavam preparar o país para algo lindíssimo, algo que, há muito, fora roubado ao povo. Ouvindo com alegria os planos, a semente recordou as palavras da camponesa, e começou a questioná-las. Afinal, talvez fosse possível fixar-se aqui, talvez este pudesse ser o seu destino final, pois aquele “algo”, que antes parecia tão distante, estava cada vez mais próximo.

Nesse dia, Portugal testemunhou um amanhecer diferente. As ruas de Lisboa encontravam-se ocupadas por vários veículos militares... e já não havia silêncio. Os rádios passaram a transmitir a voz da mudança, a voz da Revolução. O povo abandonou à pressa as suas casas, intrigado com a movimentação, e juntou-se ao grande acontecimento. A força e a vontade desta população unida começaram a eliminar a grande nuvem negra que dominava o país, até que esta se dissipasse por completo.

A semente apercebera-se de que nunca testemunhara algo igual, estava totalmente fascinada com o que observava e ouvia ao seu redor. Nesse instante de conscientização, teve a certeza de que era ali, no meio daquela agitação, que se queria fixar. Eternamente. E assim fez.

Posteriormente, um soldado, dentro do veículo que carregou a semente, colocou-se à frente da multidão e gritou:

- Hoje a Liberdade foi plantada! Transformar-se-á numa linda flor! No entanto, não basta apenas plantá-la, temos de a regar. É nosso dever protegê-la e não permitir que seja espezinhada, pois é agora património de todos.

Desde esse dia, foi confiada aos portugueses uma importante missão, e, no local onde a sementinha se fixou, floriu um belo cravo.

Francisca Martins